

FLUTUAÇÃO CATEGORIAL DE ADJETIVOS PARA ADVÉRBIOS – UMA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

Marcos Eroni PIRES (Universidade Federal de Santa Catarina)
Marina KOLLING DUTRA (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: *We analyzed constructions that include the modification of a verb by an element that has an adjective form, but in fact it works as an adverb where the word goes through a process of categorical fluctuation and stops modifying a name, and starting to work on the verb.*

KEYWORDS: *adverbs; sociolinguistic; categorical fluctuation.*

0. Introdução Adjetivos e advérbios parecem ser, em princípio, classes muito distintas do ponto de vista morfológico e sintático, pois enquanto os adjetivos variam em gênero e número e acompanham um nome, os advérbios são invariáveis, acompanham um verbo, adjetivo ou outro advérbio. Mas do ponto de vista semântico, parecem estar próximos, pois ambos qualificam o constituinte que acompanham. O presente trabalho, então, irá se deter em construções que envolvem a modificação de um verbo por um elemento que tem a forma de um adjetivo, mas funciona como um advérbio, como em (1), onde *rápido*, de base adjetiva, sofreu um processo de flutuação e deixou de modificar um nome, passando a atuar sobre o verbo:

(1) A menina desceu *rápido* a escada.

A base dessa pesquisa será a Sociolinguística Variacionista, ou Quantitativa, ou ainda Laboviana, que admite que a língua varia a partir de fatores sociais envolvidos na interação comunicativa. Portanto, trabalharemos com orações de predicação que envolvam a variação entre os advérbios propriamente ditos, terminados em *-mente*, e os adjetivos adverbializados, conforme a sentença (1). Diante da problemática classe dos advérbios, exporemos algumas visões que as gramáticas tradicionais, descritivas e formais fornecem sobre o assunto. Já adentrando na pesquisa de cunho sociolinguístico, apresentaremos a metodologia adotada pelo grupo de trabalho, mostrando os principais objetivos, questões e hipóteses que norteiam o estudo. Em seguida, analisaremos os dados reais de fala coletados de dois bancos de dados, tentando descrever qual é o real comportamento do adjetivo adverbializado/advérbio a partir de fatores linguísticos e sociais considerados relevantes.

1. Algumas considerações sobre os advérbios Os advérbios talvez sejam a classe de palavras mais complexa e menos homogênea na sua organização e no comportamento sintático-semântico dos termos que a compõem. As gramáticas enquadram atualmente entre os advérbios uma quantidade enorme de palavras de que seria mais correto dizer que, apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem aos critérios tradicionais para a denominação de, justamente, advérbios. Tratar do advérbio é, antes de tudo, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões.

Na prática, o gramático defronta-se com inúmeros exemplos em que aqueles critérios levam a classificações conflitantes; e às dificuldades de aplicação dos próprios critérios, a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconseqüente, decorrente da tentativa de associar constantemente à palavra certas propriedades que se confirmam apenas para algumas de suas ocorrências.

Toda essa discussão e questionamento sobre os advérbios resultaram em diversos trabalhos e pesquisas, em que se começou a pensar melhor o que seria essa “classe de palavras” que é referida como um todo. Para gramáticos tradicionais como Rocha Lima (1998), Cunha & Cintra (2001), Cegalla (2002) e Bechara (2003), a função prototípica de um advérbio é, fundamentalmente, servir como modificador de um verbo, como podemos ver nas orações abaixo:

(3) João escreve *bem*.

- (4) Eu gostava *muito* das nossas brincadeiras de infância.
(5) Alguém chegou *cedo*.
(6) Maria *não* bebe cerveja.

Os advérbios, indicados em itálico, atuam sobre a informação veiculada pelo verbo da oração, isto é, eles ampliam a carga informacional expressa por *escrever* em (3), *gostar* em (4), *chegar* em (5) e *beber* em (6). Como exemplo, em (4), o sujeito não apenas gosta das brincadeiras da infância, ele gosta muito, demais – o advérbio está servindo para expressar uma circunstância que cerca a significação verbal.

De acordo com esses autores, ainda, os advérbios podem modificar o adjetivo ou até mesmo o próprio advérbio. Eles também podem funcionar sobre a oração toda, modificando-a, informando o modo como o falante sente ou vê a proposição por ele formulada – são os advérbios de frase, na maioria os terminados em *-mente*. Na verdade, esses advérbios são raramente mencionados nas nossas gramáticas, contudo, encontramos em Bechara que “o advérbio [...] se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.” (BECHARA, 2003:287, grifo nosso) Como exemplo desta última possibilidade, o autor aponta o seguinte exemplo, no qual o advérbio faz referência a toda a declaração e exprime um juízo pessoal de quem fala:

- (7) *Felizmente* José chegou.

Apenas alguns autores consideram o funcionamento dos adjetivos como advérbios (item que nos interessará mais de perto neste trabalho). Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2003) chamam esse fenômeno de adverbialização do adjetivo, como em (8):

- (8) O menino dorme *tranquilo*.

Observemos que o adjetivo *tranquilo* está em função predicativa, concorda em gênero e número com o sujeito. Contudo, essa sentença mostra-se ambígua, pois em (9):

- (9) O menino dorme *tranqüilamente*.

onde se vê claramente um advérbio, podemos concluir que em (8) o adjetivo pode ser interpretado também como tendo um valor adverbial, sofrendo um processo de adverbialização. Caso troquemos o sujeito de (8) por *a menina* e mantivermos o adjetivo adverbializado *tranquilo*, como em (10):

- (10) A menina dorme *tranquilo*.

conclui-se que o adjetivo adverbializado é invariável, não pode ser confundido com um predicativo. Fica nítido que *tranquilo* em (10) funciona como um modificador da ação expressa pelo verbo *dormir*.

Numa análise diferenciada, Mattoso Câmara (2002) apresenta uma proposta de classificação das palavras a partir de um inter-relacionamento dos critérios semântico, morfológico e sintático ou funcional; dessa forma, a palavra não está mais inserida em um rótulo único, facilmente contestado, mas sim numa junção de elementos que nos permite o raciocínio onde quer que a palavra seja usada. O filólogo defende que as palavras estão divididas em nomes, verbos e pronomes a partir dos critérios já mencionados; considerando o critério funcional, nomes e pronomes subdividem-se de acordo com a sua função na comunicação lingüística: substantivo, adjetivo ou advérbio. Na função substantiva, o nome ou o pronome funcionam como o centro da expressão, o termo determinado; já na função adjetiva, funcionam como o termo determinante,

acompanhando um outro nome. Caso acompanhem o verbo, determinando-o, temos uma palavra funcionando como advérbio. Sobre essa subclasse, Mattoso Câmara (2002:79) ainda diz que

alguns advérbios têm a função complementar, na língua, de acrescentar uma qualificação a mais a um adjetivo. Mas tal função não é geral a todos e não deve, ao contrário do que fazem as gramáticas escolares nossas, entrar na definição. Esta deve ser retirada da função essencial de advérbio, que é ser determinante de um verbo.

Numa abordagem formal, vemos em Chierchia (2003) que os núcleos de um sintagma, tanto verbal como nominal, podem sofrer modificações. No par de sentenças abaixo, (17a) pode ser modificada por uma grande quantidade de satélites que giram em torno de um núcleo, conforme (17b):

- (17) a. O menino ronca.¹
b. O *lindo* menino *de olhos castanhos* ronca *ruidosamente mesmo acordado*.

A modificação é um processo produtivo nas línguas naturais, pois nos permite criar relações entre as classes de objetos, ou seja, a expressão *lindo menino* nos permite relacionar a palavra *menino*, que nos remete a uma classe de seres humanos do sexo masculino e com uma certa idade, à palavra *lindo*, algo que é considerado belo, formoso. Sem esse processo, a possibilidade que restaria seria a criação de novas palavras a cada relação entre classes que quiséssemos fazer; mas como tal intento ficaria muito custoso ao nosso léxico, a modificação intervém de forma sistemática, qualificando, modificando e enriquecendo as expressões predicativas, definindo classes e relações sempre novas a partir daquelas que já se encontram codificadas no léxico.

Nos detenhemos na modificação dos sintagmas verbais, que pode ser feita por meio de elementos adverbiais de vários tipos. Aqui, trataremos especificamente dos advérbios terminados em *-mente*, internos ao sintagma verbal, que funcionam semanticamente como modificadores do verbo.²

À primeira vista, os advérbios em *-mente* parecem funcionar como predicados de indivíduos ordinários. Para entendermos essa questão, consideremos os sintagmas preposicionais com função adverbial:

- (18) Léo corre no parque Ibirapuera.

A sentença (18) denota, através da preposição, uma modificação intersectiva, uma relação entre o predicado expresso por *correr* e o predicado expresso por *parque Ibirapuera*, isto é, a sentença é verdadeira se e somente se Léo corre, e enquanto acontece o correr, Léo se encontra dentro dos limites do parque Ibirapuera.

Os advérbios em *-mente* podem ocorrer na mesma posição que os sintagmas preposicionais, como em (19), logo, uma interpretação semelhante seria justificável, pois o advérbio *velozmente* deriva morfologicamente do adjetivo *veloz*; como os adjetivos denotam classes, *correr velozmente* denotaria a interseção entre as pessoas que correm e, enquanto correm, são velozes. Logo, *velozmente* teria a mesma denotação de *veloz*, sendo o morfema *-mente* um mero marcador de posição sintática:

- (19) Léo corre velozmente.

Chierchia (2003) argumenta que se tal análise fosse correta, ou seja, uma sentença como *Léo V A-mente* analisada como *Léo V e é A enquanto V*, seria possível dizer *Léo corre desafinadamente*, numa

¹ Todos os exemplos são extraídos de Chierchia (2003).

² Para um maior esclarecimento sobre outros tipos de advérbios, conferir Castilho (1990), a seção 3 de Ilari (1993) e o capítulo 9 de Chierchia (2003).

situação, por exemplo, em que Léo, enquanto corre, canta, mas canta desafinadamente. Pelo contrário, a única interpretação para a sentença *Léo corre desafinadamente* é que *Léo corre e é desafinado enquanto corre*.

Portanto, não é ideal analisar os advérbios em *-mente* como predicados de indivíduos ordinários, pois na verdade, o predicado da sentença *Léo corre velozmente* é formado pelo verbo *correr*, modificado por *velozmente*. Isso nos permite dizer, então, que o advérbio *velozmente* se aplica a predicados e nos dá novos predicados, ou seja, funciona como um operador, que atua sobre um sintagma e origina um novo sintagma: se for aplicado a *correr*, nos dá o predicado *correr velozmente*, que é verdade daqueles que fazem velozmente a atividade em questão; caso seja aplicado a *cantar*, temos *cantar velozmente*, verdadeiro daqueles que cantam velozmente e assim por diante. Chierchia apresenta então a seguinte regra geral:

(20) Para todo indivíduo *u*, *u* pertence à classe das pessoas que satisfazem o predicado *V' velozmente* sse *u* faz a ação expressa por *V'* de maneira veloz.³

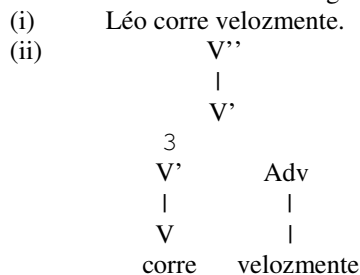
Assim, a abordagem descrita em (20) nos mostra que *velozmente* procura combinar-se com um predicado como *correr*, dando origem ao predicado complexo *correr velozmente*, e em seguida esse novo predicado é atribuído ao nome Léo, como em (19). Por sua vez, o advérbio *desafinadamente* pode ser um operador que só se aplica a predicados como *cantar*, enquanto predicados como *correr* estão fora do seu alcance.⁴

2. A flutuação categorial Os advérbios de modo, aplicados a um verbo e caracterizados pela afixação do sufixo *-mente*, parecem ter uma produção limitada no português falado. Segundo estudos de Hummel (2002a, 2002b), esses advérbios fazem parte de uma linguagem culta formal, com uma tendência muito mais forte em Portugal do que no Brasil. Existe, porém, uma outra maneira de formação adverbial que vem se mostrando muita produtiva: a adverbialização dos adjetivos. Basílio (1993) considera esse fenômeno como um caso de flutuação categorial de base adjetiva, em que há um processo de “conversão, isto é, a mudança de classe adjetivo/advérbio sem alteração na forma fonológica.” (p. 90)⁵

Os adjetivos são qualificadores que se relacionam com o nome e podem sofrer flexão de gênero e número; os advérbios, pelo contrário, são qualificadores de um verbo e têm o caráter de forma invariável. Portanto, a flexão é de fundamental importância nesses casos por ser uma marca de diferença entre predicativo do sujeito e modificador de um verbo. Por exemplo, nos pares abaixo:⁶

- | | |
|----------------------------|-------------------------------|
| (21) a. João fala gostoso. | (22) a. João dorme tranqüilo. |
| b. Maria fala gostoso. | b. Maria dorme tranqüila. |
| c. * Maria fala gostosa. | |

³ Numa tradição formal, Chierchia assume a Teoria X-barrada adotada pelo gerativismo, mostrando que na árvore sintática os advérbios aparecem adjungidos ao *V'* em casos de sentenças modificadas por um advérbio (e o mesmo acontece com os sintagmas preposicionais), como mostra a parte relevante representada abaixo:



⁴ Chierchia refina ainda mais a sua análise, afirmando que na verdade esses advérbios são predicados de eventos, mas para evitar maiores complicações, consideraremos que esses advérbios funcionam simplesmente como operadores.

⁵ Adotaremos ao longo deste trabalho a metalinguagem sugerida por Hummel (2002a, 2002b), ou seja, “adjetivo adverbializado”, doravante AA.

⁶ Os exemplos a seguir, que mostram as diferenças entre adjetivos e AAs, foram sugeridos por Basílio (1993).

o comportamento flexional deixa claro que em (21) temos um caso de AA, que atua sobre o verbo *falar*, e em (22) aparece um predicativo do sujeito, que qualifica o sujeito da oração.

Outro fator relevante a considerar é a posição fixa posterior ao verbo no caso dos AAs, enquanto os adjetivos predicativos do sujeito podem sofrer uma certa movimentação:

- (23) a. Maria começou atrasada.
- b. Atrasada, Maria começou.
- c. Maria começou atrasado.
- d. * Atrasado Maria começou.

Parece que ao perder o sufixo *-mente*, o AA torna-se estritamente ligado ao verbo a que se refere, sendo impedido de sofrer um movimento para antes do elemento que qualifica.

É importante considerar ainda a crescente produtividade do AA no português falado. Além de formas já consagradas, como *Maria falou alto*, em que *alto* nasceu como tal no latim, e *passar batido*, que parece já estar lexicalizado, encontramos AAs usuais empregados com qualquer verbo e até participios funcionando como AA, quer os largamente adjetivados, como *falar errado*, ou aqueles que ainda conservam uma forte característica verbal, caso de *comer escondido*. Na grande maioria não se encontra uma contraparte em *-mente*, o que sugere que a conversão de um adjetivo para forma adverbializada é uma alternativa morfológica para o processo de formação dos advérbios.⁷

3. Metodologia Considerando a problemática classe dos advérbios, o objetivo central deste trabalho é tentar analisar e descrever a razão por que em algumas construções sintáticas de predicação ocorre a forma em *-mente*, o que caracteriza o advérbio tradicionalmente, e por que em outras ocorre a forma adjetiva, denominado por Hummel (2002a, 2002b) como adjetivo adverbializado, como ilustra (24):

- (24) a. O menino desceu a escada *rapidamente*.
- b. O menino desceu a escada *rápido*.

Tal fenômeno é um processo de significativo teor de produtividade no português falado, característico da fala coloquial. Hummel (2002a) garante que o processo de adverbialização dos adjetivos é de caráter pan-românico, isto é, atestado em grande parte das línguas românicas.

Diante dos problemas expostos, lançamos as seguintes hipóteses para a nossa pesquisa:

- a) o AA faz parte de uma linguagem informal (coloquial), sobretudo falada, em que os falantes mais escolarizados a evitam, por considerarem o advérbio em *-mente* como mais correto.
- b) o AA tende a ocorrer imediatamente após o verbo a que se refere.
- c) o verbo modificado pelo AA, mesmo que seja transitivo, tende a ser empregado intransitivamente, ou seja, sem a presença do complemento.
- d) por uma questão de economia fônica e pelo fluxo de informações ser algo instantâneo, o falante prefere o AA ao advérbio em *-mente* por ter um menor número de segmentos.

A amostra que serviu para esta pesquisa foi coletada de dois bancos de dados: do VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil) foram lidas 24 entrevistas, todas da cidade de Florianópolis, Santa Catarina – sendo assim, estamos abarcando todos os fatores propostos pelo projeto, isto é, considerando desde o falante do nível primário até o colegial, dos dois sexos e das duas faixas etárias. Já do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Urbana Linguística Culta), foram separadas 6 EF (elocução formal), 9 DID (elocução entre informante e documentador) e 7 D2 (diálogo entre dois informantes), totalizando 22 entrevistas, todas da cidade do Rio de Janeiro.

⁷ Por tratar-se de uma pesquisa de caráter sociolinguístico, só serão considerados aqui os dados em que as duas formas estão disponíveis, isto é, o advérbio propriamente dito, com o sufixo *-mente* e o corresponde AA.

Basílio (1993) e Hummel (2002a) apresentam uma lista de verbos e adjetivos em que o fenômeno de instabilidade está mais propício ou simplesmente consagrado. Como os AAs são característicos da fala coloquial, as formações se restringem aos adjetivos mais usuais em linguagem coloquial, sobretudo adjetivos avaliativos, em oposição a descritivos, embora estes também ocorram. Apesar da lista proposta e por envolver um fato morfossintático/semântico, não se optou por nenhum programa de interpretador para realizar a busca das variáveis, antes pelo contrário, preferiu-se a leitura manual de cada entrevista. Coletamos todas as ocorrências de advérbios em *-mente*, não se importando a qual subclassificação pertencia, além das sentenças em que aparecia a forma com o AA.

Completando a metodologia definida na nossa pesquisa, acredita-se que em qualquer comunidade de fala são frequentes as formas lingüísticas em variação. A essas formas, dá-se o nome de variantes lingüísticas, que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade.” (TARALLO, 2001:8) O conjunto dessas variantes é considerado a nossa variável lingüística, que será, nessa pesquisa, por conseguinte, a flutuação categorial entre adjetivos e advérbios. Utilizaremos uma variável binária, ou seja, a variante 1, utilização do AA, ou a variante 2, utilização do advérbio propriamente dito, acompanhado do sufixo *-mente* – o nosso envelope de variação está formado, com as formas concorrentes postas em jogo.

As variáveis independentes, ou grupo de fatores condicionadores, podem ser lingüísticas ou extralingüísticas. Observaremos, a partir de nossas hipóteses, que contextos favorecem ou desfavorecem a nossa variável em questão. Os lingüísticos dizem respeito aos fatores internos da língua, como fonológico, morfossintático, semântico etc.; já os extralingüísticos consideram como determinante os fatores sociais envolvidos na variação, como o nível socioeconômico, escolaridade, faixa etária ou sexo, além de outros. Para um melhor entendimento, os grupos de fatores selecionados para a pesquisa estão esquematizados abaixo:

>>> variável dependente

- 1: normal
- 2: normalmente

u: universitário

- lingüísticas

4) Transitividade verbal

- i: intransitivo
- t: transitivo

>>> variáveis independentes

- extralingüísticas

1) Sexo

- M: masculino
- F: feminino

5) Posição do advérbio/AA em relação ao verbo ao qual se refere

- w: V ___
- x: V ___ X
- y: V X ___

2) Idade

- A: 25 a 49 anos
- B: mais de 50 anos

6) Tamanho do item lexical (base)

- 2: duas sílabas
- 3: três sílabas
- 4: mais de três sílabas

3) Escolaridade

- p: primário
- g: ginásio
- c: colegial

A nossa primeira variável independente pretende analisar se são os homens ou as mulheres que mais produzem o AA; segundo alguns estudos, mulheres tendem a preservar as formas mais prestigiadas e são mais sensíveis a uma norma da linguagem. A variável 2 indica a idade dos falantes: considera-se que formas antigas tendem a ser preservadas pelos mais velhos. Já a variável 3 apresenta a escolaridade dos indivíduos: como mostrado nas nossas hipóteses, espera-se que as pessoas mais escolarizadas evitem o AA, pois “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Consta-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades.” (VOTRE, 2003:51) Como a forma em *-mente* parece ser a mais adequada para a caracterização da classe de advérbios, espera-se que os mais escolarizados priorizem esta forma.

Sobre as variáveis lingüísticas, o fator 4 procura demonstrar com que verbos acontecem o maior número de casos de predicação, transitivos ou intransitivos. O fator 5 mostra a posição em que ocorre o AA: adjungido ao verbo, caso dos intransitivos, ou dos transitivos, que, quando passam a ser modificados por um AA, integram características de um verbo intransitivo, em que o objeto torna-se dispensável; também consideram-se os casos em que ocorre logo após o verbo sem apagamento do complemento, ou diante do

complemento. Acerca do último fator, sobre o tamanho do item lexical de base, esperamos que o falante opte pelo AA por uma questão de economia fônica, já que a forma adverbial possui um número elevado de sílabas.

4. Análise e discussão dos resultados Apesar do grupo de trabalho ter lido um total de 46 entrevistas, poucos foram os dados encontrados – apenas 100 casos de concorrência entre o AA e a forma em *-mente*. Sendo assim, as conclusões tiradas aqui não podem ser consideradas definitivas, categóricas, pois confiar em apenas 100 dados é algo arriscado para se lançar uma hipótese geral de variação ou mudança. Portanto, deixamos claro que todas as considerações lançadas aqui são apenas indícios, que poderão servir, talvez, para uma pesquisa futura de maior abrangência quantitativa.

Desconsideramos da nossa amostra, então, exemplos que ofereciam dúvidas sobre que tipo de predicação estava sendo feita realmente pelo falante, quais as suas reais intenções no ato da comunicação, e outros exemplos, como pode ser visto em (25):

- (25) a. Outras lojas que vendem coisas *barato*.
b. Então eu acho que ela fez *legal*.

onde em (25a) utilizar a forma “baratamente” soaria um pouco estranha, já que seria largamente marginalizada; ou no caso de (25b), onde existe a correspondência na forma, mas não no sentido: optar pela forma *legalmente* mudaria o sentido da sentença, pois estaria inculcida uma noção de lei, o que não é o caso.⁸

Após a coleta de dados, foi feita a codificação de acordo com as variáveis descritas anteriormente, para, em seguida, serem jogados no programa GoldVarb (2001) para a rodada estatística. O programa interpretou como fator mais relevante para a realização da variante [AA] a escolaridade do falante. A frequência dos dados, acompanhada do peso relativo, pode ser vista na tabela 1, abaixo:

Tabela 1 – Atuação do fator escolaridade sobre o uso do AA

Escolaridade	Frequência	PR
Primário	27/31 = 87%	.87
Ginásio	7/13 = 54%	.53
Colegial	6/13 = 46%	.46
Universitário	9/43 = 21%	.21

Percebe-se claramente que a nossa primeira hipótese pode ser confirmada pela Tabela 1, que indica que quanto maior a escolaridade do falante, menor a produção do AA. É interessante analisar que o grau de formalidade da entrevista também é relevante, pois no caso dos universitários, que correspondem somente às entrevistas do NURC, dos 9 casos de AA, 7 pertencem ao tipo de entrevista D2, que pode ser considerado aquela de maior descontração, uma conversa informal entre duas pessoas, como exemplificado em (26); os outros 2 casos são de entrevistas do tipo DID e no caso das EFs, que correspondem ao grau mais alto de formalidade, nenhum AA foi encontrado:

- (26) a. ...depois das seis tem “trottoir” por ali *normal*... (NURC, EF, 158)
b. ... vão de avião porque querem *rápido* aproveitar o tempo... (N, EF, 296)⁹

Pode-se, portanto, afirmar que o grau de formalidade, associado à escolaridade do falante, é muito significativo na produção do AA, tanto que em dados escritos espera-se que seja nula a produção do AA, pois

⁸ Estamos desconsiderando também os casos de “advérbios curtos”, que funcionam como predicadores e constituem uma série ilimitada de sintagmas lexicalizados, como *bem*, *mal*, *depressa*, *devagar* etc.

⁹ Os dados coletados do NURC serão mostrados seguidos do tipo e número da entrevista; os do VARSUL seguidos do número da entrevista e número da linha onde se encontra o dado.

a formalidade exigida por essa modalidade de comunicação é muito mais rígida. Os advérbios de modo atributos de um verbo, caracterizado pela forma *-mente*, correspondem a uma linguagem elaborada, a uma linguagem que serve para alguém se exprimir diferenciadamente. Os AAs são frequentes num ambiente informal porque correspondem às necessidades expressivas do registro coloquial. E caso houvesse uma quantidade maior de dados, talvez seria seguro afirmar que os falantes universitários produzem bastante, além dos advérbios em *-mente*, o AA, mas em ambientes restritos, de conversa informal.

Hummel (2002a), analisando estudos europeus e americanos de línguas românicas e considerando o caráter pan-românico da adverbialização, afirma que na América a produção de AAs é muito maior do que na Europa, por causa do maior impacto histórico da escolaridade sobre o comportamento lingüístico dos falantes. De Mello (1992, apud Hummel, 2002a), num estudo feito com o espanhol da Cidade do México, conclui que há uma *limitação diastrática* nos indivíduos incultos, pois fatores sociais como a escolaridade limitam a produção do advérbio em *-mente*, restando como única alternativa para a modificação do verbo o AA; enquanto que para os falantes cultos há uma *variação diafásica*, isto é, cada contexto vai definir que tipo de variedade ele usará, pois o conhecimento da língua permite que ele varie a sua fala.

Tabela 2 – Posição do AA em relação ao verbo ao qual se refere

Posição	Frequência	PR
V AA	30/66 = 45%	(.46)
V AA X	7/15 = 47%	(.48)
V X AA	12/19 = 63%	(.64)

Sobre as hipóteses b) e c), a Tabela 2 não revela apenas que o AA ocorre logo após o verbo, mas também a forma em *-mente*, pois mais da metade dos 66 casos em posição subsequente ao verbo correspondem a essa forma (36 ocorrências), como mostram os exemplos em (27):

- (27) a. Então, com a morte dela, passou *automaticamente* pra mim. (VARSUL, 22, 617)
 b. ...vai lá nas fontes de abastecimento pra comprar *diretamente* do produtor. (N, EF, 364)

E em relação à terceira hipótese, dos 66 casos de ocorrência das formas AA e *-mente*, 36 deles são de verbos transitivos, em que houve o apagamento do complemento, como nos exemplos em (28):

- (28) a. Talvez até eu tenha feito *errado*. (V, 03, 998)
 b. Não só participar *diretamente* como assistir também, né? (V, 21, 218)
 c. ...todos aceitam *normalmente*. (N, D2, 158)
 d. ...fazia um lanche, nem lanche muitas vezes, ia *direto*. (N, D2, 158)

Talvez pela estreita ligação que há entre o verbo e o seu modificador, seja semanticamente necessário que o AA/advérbio venha adjungido ao verbo, ocorrendo muitas vezes o apagamento do complemento.

Já última hipótese não pode ser verdadeira, pois os advérbios em *-mente* são muito produzidos, porém mantêm escopo sobre outros elementos da sentença, que não é o verbo, conforme (29):

- (29) a. E *raramente* nós temos um problema de roubo. (V, 21, 1023)
 b. Mas *antigamente* a comida era ótima. (V, 16, 49)
 c. ...ir até um certo pedaço que era *completamente* escuro... (V, 01, 209)

Os advérbios de frase, ou aqueles que se aplicam ao discurso, ou que têm escopo sobre o adjetivo e mais tantos outros correspondem a mais de 95% das ocorrências registradas na nossa coleta. A hipótese de que o advérbio em *-mente* possui um número muito grande de sílabas, é muito custoso pronúncia-

lo nas conversas informais e que quebra com o fluxo constante dos nossos diálogos não se sustenta, pois a nossa coleta revela que eles aparecem abundantemente, contudo aplicam-se a outros constituintes.

A título de ilustração, a tabela 3 mostra uma ligeira vantagem que as mulheres apresentam em relação aos homens na produção do AA. O fato curioso é que dos 31 dados do AA, 13 correspondem à forma diminutiva, como no exemplo “Aí tu ferves o macarrão *normalzinho*. (V, 01, 620)”:

Tabela 3 – Atuação do fator sexo sobre o uso do AA

Sexo	Frequência	PR
Feminino	31/60 = 52%	(.53)
Masculino	18/40 = 45%	(.46)

É importante a ressalva que mais da metade dos exemplos com o morfema de diminutivo ocorre com falantes do grau primário, o que mostra que esta forma estaria num grau ainda menor de acordo com a escolaridade, cabendo aos falantes do grau médio a forma normal e do grau universitário o advérbio prototípico. Mas uma pergunta ainda deve ser feita: por que o AA não pode receber a flexão de gênero feminino, mas pode receber a flexão de diminutivo? Ambos não são morfemas gramaticais derivacionais?

A última tabela, que mostra o fator idade atuando sobre a variável em questão, mostra que Apesar dos falantes de mais de 50 anos produzirem mais da metade das formas como AA, não podemos concluir que eles realizam com maior frequência esta forma, pois apareceram poucos dados de modificação do verbo nessa faixa etária. Sendo assim, lançar algo conclusivo sobre este fator parece um contra-senso.¹⁰

Tabela 4 – Atuação do fator idade sobre o uso do AA

Idade	Frequência	PR
25-49 anos	29/65 = 45%	(.46)
Mais de 50 anos	20/35 = 57%	(.58)

5. Considerações finais A flutuação categorial é um fenômeno muito produtivo no português falado. O processo de conversão é mais típico da fala coloquial, de maior expressividade na conversa de pessoas de menor grau de escolaridade, por não sofrerem tanto as pressões da norma lingüística. Um estudo diacrônico talvez indicasse que temos um caso de variação estável, em que a forma em *-mente* ainda persiste ao lado do AA, mas em contextos muito formais e com falantes de um grau alto de escolaridade.

Reconhecer com Perini (2001) que devemos olhar atentamente para a função que determinada palavra pode desempenhar na frase. No caso dos AAs, eles podem ser considerados “atributos”, assim como os adjetivos, contudo aplicam-se aos verbos, como pode ser acompanhado no esquema (31):

(31)	Atributo	3
	adjetivo advérbio	
	<i>uma moça rápida uma moça fala rápido</i>	

Uma idéia analisada por Hummel (2002a) seria a de propor uma “categoria dos atributos”, em que o adjetivo e o advérbio configurariam como subcategorias, o primeiro aplicando-se a nomes e o segundo a verbos. E a partir das conclusões deste autor, mais os nossos dados relativos à escolaridade dos falantes, em que a

¹⁰ Deve-se levar em conta ainda que a amostra coletada para a pesquisa pertence a épocas distintas: enquanto as gravações do NURC foram realizadas na década de 70, as dos VARSUL aconteceram nos primeiros anos da década de 90. Logo, uma pesquisa em tempo real seria ideal se coletássemos dados referentes às quatro classes de escolaridade na década de 70, para em seguida confrontá-las com dados das mesmas classes da década de 90.

oposição paradigmática das categorias adjetivo e advérbio parece neutralizar-se no registro dos falantes de menor grau escolar, propor uma “arquicategoria dos atributos”, no qual (31) se reduziria a um só vértice.

Por ser atestada em várias línguas, parece que o fenômeno da flutuação já vem desde o latim vulgar, não se tratando, pois, de um abuso moderno que muitas gramáticas tradicionais insistem em admitir. O ensino da língua, então, precisa acompanhar essa mobilidade que as palavras podem sofrer, inculcando nos alunos que a língua varia e muda e é livre de preconceitos.

E como nesta pesquisa desconsideramos casos em que não havia correspondência entre o AA e a forma em *-mente*, um estudo interessante seria analisar a flutuação categorial de um ponto de vista funcionalista, em que o processo que gera advérbios a partir de adjetivos não pode ser caracterizado como um mecanismo morfológico de formação de palavras, mas um processo semântico-pragmático associado ao mecanismo de gramaticalização, em que a língua tende a evitar duas ou mais formas com a mesma função.

RESUMO: Analisamos construções que envolvem a modificação de um verbo por um elemento que tem a forma de adjetivo, mas na verdade funciona como um advérbio, em que a palavra sofre um processo de flutuação categorial e deixa de modificar um nome, passando a atuar sobre o verbo.

PALAVRAS-CHAVE: advérbios; sociolinguística; flutuação categorial

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva no português falado. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado: Níveis de análise linguística*. 2.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, v. 2, p. 81-97.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado: A ordem*. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 1990, v. 1.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 45.ed. São Paulo: Nacional, 2002.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Londrina: EDUEL, 2003. Trad. de Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HUMMEL, Martin. A conversão do adjectivo em advérbio em perspectiva sincrónica e diacrónica. *Actas do Sexto Congresso da AIL - Associação Internacional de Lusitanistas* (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999). Disponível em: http://www.geocities.com/ail_br/ail.html, 2002a.
- _____. Considerações sobre os Tipos *Ela Fala Esquisito* e *Ela Chega Cansada* no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. In: *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, n. 24, p. 43-70, 2002b.
- ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado: Níveis de análise linguística*. 2.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, v. 2.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. 35.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-57.